

unesp 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

LUIS CARLOS VIANA JUNIOR

COESÃO E COERÊNCIA:
discursos da linguística e da mídia



ARARAQUARA – S.P.
2013

LUIS CARLOS VIANA JUNIOR

COESÃO E COERÊNCIA:

discursos da linguística e da mídia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Letras,
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Marina Célia
Mendonça

Bolsa: PIBIC/Reitoria

ARARAQUARA – S.P
2013

VIANA, Luis Carlos Junior

Título principal do trabalho: subtítulo / Luis Carlos Viana
Junior – São José do Rio Pardo

xxx f : il. ; xx cm

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC (Graduação) –
Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade
Estadual Paulista, Araraquara, 2013.

1 Descritor. 2. Descritor. 3 . Descritor. I. Autor II. Título.

Àquela que um dia sonhou ser professora, minha avó; também aos amigos que tornaram mais fácil e bonita a distância de casa; aos familiares que sempre me deram segurança, independentemente da distância, e aos professores que me formaram e que admirei, ao ponto de copiar a profissão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Suzelei e Luis Carlos Viana, que me deram as bases da vida.

Ao meu irmão, que sempre se mostrou o amigo mais fiel.

À minha avó, que deu amor incondicional.

À família, que me é indispensável para a felicidade.

Aos amigos de infância, que o tempo tornou irmãos.

Aos amigos feitos nos últimos quatro anos, que as condições tornaram irmãos.

Aos professores de toda minha formação, que sempre foram minha admiração.

À minha orientadora Marina Célia Mendonça, que teve paciência e amizade.

À bolsa PIBIC/Reitoria pelo apoio financeiro.

RESUMO

Esse trabalho analisa as refrações do discurso pedagógico que, em diálogo com outros discursos, como os da mídia e da linguística, reflete-os, além de ressignificá-los. Mais especificamente, trata-se da ressignificação que os discursos pedagógicos, postos em diálogo com os discursos da mídia, fazem de conceitos da linguística; para essa análise tem-se como foco os conceitos de coesão e coerência, esses conceitos são critérios de avaliação dos textos. Quando retirados de suas enunciações e reutilizados nos dias de hoje, esses conceitos são ressignificados de forma a se adaptarem a novas enunciações. Como abordagem metodológica para a realização deste trabalho, tem-se uma análise qualitativa dialógica do livro de Thaís Nicoleti de Camargo, “Redação linha a linha” (2010) (corpus desse trabalho, que representa o discurso pedagógico). No diálogo proposto sobre os conceitos de coesão e coerência textuais pode-se perceber a ressignificação causada pela nova enunciação em que esses enunciados são reutilizados. Esse trabalho, por valer-se da análise do discurso bakhtiniana, estará sempre voltado ao conceito de diálogo, colocando os discursos em contato; partindo desse ponto, busca-se entender quais discursos dialogam com a produção do discurso pedagógico no livro analisado. Pode-se perceber, na análise dos conceitos de coesão e coerência textuais, que alguns discursos que dialogam com esses enunciados são os discursos de normatização e padronização. É possível dizer que a enunciação em que esses enunciados se produzem remete aos discursos do capitalismo, dos vestibulares, da atribuição de notas.

Palavras – chave: Estudos bakhtinianos. Escola. Linguística textual. Redação escolar.

RESUMEN

Ese trabajo analiza las refracciones del discurso pedagógico que, en diálogo con otros discursos, como el mediático y lingüístico, los refleja, además de resignificarlos. Más específicamente, este estudio aborda la resignificación que los discursos pedagógicos, en diálogo con los discursos de los medios de comunicación, hacen de conceptos de la lingüística; para este análisis tendrá como foco los conceptos de cohesión y coherencia, que son criterios de evaluación de los textos escolares. Cuando son extraídos de su enunciación y reutilizados en la actualidad, esos conceptos son resignificados de forma que se adapten a nuevas enunciaciones. La metodología empleada para la realización de este trabajo consistió en un análisis cualitativo y dialógico, aplicado en el libro de Thaís Nicoletti de Camargo, “*Redação linha a linha*”, 2010 (corpus de ese trabajo- lo que representa el discurso pedagógico). En el diálogo propuesto sobre los conceptos de cohesión y coherencia textuales es posible percibir la resignificación causada por la nueva enunciación en que esos enunciados son reutilizados. Este trabajo, que utiliza el análisis del discurso bajtiniano, se vuelve al concepto de diálogo, poniendo los discursos en contacto; partiendo de ese punto, el trabajo tiene por objetivo entender qué discursos dialogan con la producción del discurso pedagógico, como en el libro “*Redação linha a linha*”. Es posible percibir, tanto en el análisis de los conceptos de cohesión y coherencia textuales como en el análisis del libro todo, que algunos discursos que dialogan con esos enunciados son los discursos de normativización y estandarización. Eso se percibe porque en los conceptos de cohesión y coherencia hay una búsqueda por estandarizar los textos. Así, la enunciación en que esos enunciados se producen, remiten a los discursos del capitalismo, de la selectividad y de la atribución de notas.

Palabras-claves: Estudios bajtinianos. Escuela. Lingüística textual. Redacción escolar.

LISTA DE FOTOS

Foto 1:	Capa do Livro “Redação linha a linha” (2010)	30
Foto 2:	Contracapa do Livro “Redação linha a linha” (2010)	31
Foto 3	Orelha 1 do Livro “Redação linha a linha” (2010)	33
Foto 4	Orelha 2 do Livro “Redação linha a linha” (2010)	33
Foto 5	Glossário do Livro “Redação linha a linha” (2010)	38
Foto 6	Crônica 1	41
Foto 7	Crônica 2	44
Foto 8	Crônica 3	45
Foto 9	Crônica 4	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	13
2.1 Signo ideológico	13
2.2 Diálogo	14
2.3 Consciência: subjetividade versus objetividade	14
2.4 Significação e tema	15
2.5 Palavra	16
2.6 Signo	16
2.7 Enunciado, Enunciado Concreto e Enunciação	17
3 ESTUDO SOBRE COESÃO E COERÊNCIA: A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL	19
3.1 Coerência textual: o que é, onde se dá?	19
3.2 Coerência: do que depende, como se estabelece?	21
3.3 Coesão textual	23
3.3.1 Mecanismos de coesão textual	24
3.4 Coesão referencial	25
3.4.1 Coesão sequencial	27
3.4.1.1 Sequenciação frástica	27
3.4.1.2 Sequenciação parafrástica	28
4 A RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO DA CIÊNCIA NA VOZ DO PROFESSOR DE REDAÇÃO NA MÍDIA	29
4.1 Capa	29
4.2 Orelha	32
4.3 Sumário e organização	35
4.3.1 Apresentação	36
4.4 Coesão e coerência no discurso de Thaís Nicoleti de Camargo	37
4.4.1 Glossário	37
4.4.2 Redações comentadas	40
4.4.2.1 Enunciado e sua enunciação: Diálogo-	40
4.4.2.2 Ideologia, propaganda e enunciado	41

4.4.2.3 O discurso pedagógico e a conjunção coordenativa	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de curso, recorte de um trabalho realizado com bolsa PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), e se desenvolverá a partir da hipótese de que os discursos sobre coesão e coerência da linguística têm sido reutilizados nos discursos midiático e pedagógico, de forma que esses conceitos se mostram ressignificados.

Essa hipótese se deu a partir da análise de dicas de produção textual, nas quais é possível perceber algumas refrações dos discursos da linguística com os quais dialogam. Com isso, o objetivo deste trabalho será perceber os diálogos que se realizam nesse campo. Tomar-se-á, portanto, a análise do discurso bakhtiniana como suporte teórico, pois entende-se essas ressignificações como sendo reflexo das diferentes épocas em que cada discurso se produziu.

Para realizarmos essa análise, utilizamos como corpus textos da consultora de língua portuguesa Thaís Nicoletti de Camargo, que atuou com o ensino de português desde 1984, e é também colunista da Folha de São Paulo, na qual comenta redações enviadas por leitores. A autora publicou essas crônicas no livro “Redação linha a linha” (2010). Paralelamente a esses trabalhos, a autora ainda desenvolve um Blog, que não será analisado nesse recorte, mas é objeto do trabalho da nossa iniciação científica em andamento. É possível perceber que Thaís Nicoletti de Camargo, em seus trabalhos, realiza o diálogo entre os discursos pedagógico e midiático.

“Redações linha a linha” (2010) é um livro dividido em explicações gramaticais, glossários e em uma das partes, a principal, há redações enviadas por leitores que são comentadas pela autora. Na maioria dos casos, essas redações são enviadas por vestibulandos.

Elegemos dois conceitos da linguística muito utilizados no contexto das redações escolares: a coesão e a coerência; eles estão entre os cinco critérios utilizados na correção do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio - prova que dá acesso a várias faculdades/ universidades no Brasil).

A metodologia utilizada será uma análise qualitativa e dialógica. Para que coloquemos o discurso da linguística em diálogo com o livro de Thaís Nicoletti, foi feito um estudo bibliográfico de livros da Linguística Textual, com a justificativa de que os

livros selecionados foram base na montagem dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), dialogando, então, com o que é ensinado hoje nas salas de aula. Será feito também um estudo bibliográfico de escritos sobre a análise do discurso bakhtiniana, que será a base teórico-metodológica desse trabalho.

A análise dialógica do livro de Thaís Nicoleti de Camargo é uma forma de perceber como se dá o diálogo entre os discursos da mídia, da linguística e os discursos pedagógicos. Interessam-nos, em especial, as ressignificações dos conceitos de coesão e coerência na mídia, em discurso de professor-da-mídia. A contribuição que desejamos fazer é uma reflexão sobre a produção de texto escolar, inclusive sobre os valores ideológicos que definem suas condições de produção na escola brasileira contemporânea.

2 SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a análise dos discursos produzidos sobre de coesão e coerência, este estudo basear-se-á na análise do discurso bakhtiniana.

Os pensamentos de Bakhtin permitem realizar uma análise do discurso que mescla contexto histórico, situação social, participantes e forma, além de alguns outros fatores. Para que possamos fazer uma análise baseada nessa linha teórica, alguns conceitos deverão ser apresentados, tais quais: diálogo, ideologia, signo ideológico, significação, tema, enunciado, enunciado concreto, enunciação.

Esta análise parte da ideia de que o mundo que conhecemos tornou-se uma cadeia ideológica, em que os enunciados dialogam-se. Somado isso aos fatos de: o homem (ser social) ser parte integrante e produtor dessa cadeia ideológica (portanto produto e produtor de uma criação histórica) e à constatação de que, na língua, o homem se representava, percebeu-se que era enorme o universo que levava a uma produção discursiva.

2.1 Signo ideológico

É possível perceber a partir do conceito de signo ideológico de que forma Bakhtin percebe a luta de classes e as próprias classes manifestando-se na linguagem.

A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 48)

Da mesma forma que há ideologias de classes dominantes, há as ideologias das outras classes. O signo linguístico tem essa natureza ideológica, portanto “O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p.47), o que nos leva ao dinamismo nas significações desses signos.

Enfim, se o homem é uma construção histórica e na língua se representa, então suas mudanças também serão representadas na língua que será, portanto, dinâmica. É isso que dá à língua um poder tão grande. É buscando entender essas características da sociedade, representadas na linguagem que a A.D. (Análise do Discurso) bakhtiniana se foca.

Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto, o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. (BAKHTIN/ VOLOSHINOV, 2006, p. 16)

Pensando as bases da teoria marxista, pensamos nas classes, em suas ideologias e, por fim, na luta de classes. Ao relacionar essas bases e o dinamismo da língua, percebemos que as palavras são dotadas de significações atribuídas por um grupo social, em determinadas situações sociais. A significação da palavra, portanto, está no cruzamento das ideologias que por ela passaram, o mesmo acontece com outros signos (algo de que o ser humano faz uso para representar suas ideologias ou que se convencionou entre um grupo social como representação de uma ideologia).

Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sócio-sígnicas. (BAKHTIN, 2005 p. 169)

2.2 Diálogo

Segundo Bakhtin (2006), o diálogo seria a reação do eu ao outro, ou seja, uma atividade responsiva. Há um constante diálogo entre os enunciados, palavras, signos, ideologias etc; esses refletem e refratam produções que a elas se relacionam de alguma forma. Perceberemos, a partir de agora, a atuação desse conceito em outros conceitos da teoria Bakhtiniana.

2.3 Consciência: subjetividade versus objetividade

Até mesmo o mais subjetivo no indivíduo, sua consciência individual, se constrói de acordo com a cadeia ideológica da sociedade a que pertence, ou seja, no diálogo com o outro é que vai se criando uma consciência. As leis e lógicas da consciência individual são reflexo da sociedade. E, ainda que essa construção da consciência se faça também através do diálogo, há outros fatores ligados à construção do sujeito, como as experiências com as quais esse sujeito tem contato.

Afinal, para Bakhtin o sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas, mesmo as mediadas pelo discurso oferecem espaço de encontros de constituição da subjetividade, pela constituição de sentidos. (BRAIT, 2005, p. 171)

Portanto, um sujeito que se constrói em meio a uma cadeia ideológica parece não ter subjetividade. No entanto, o conceito do diálogo nos leva a afirmar o contrário, pois os sujeitos têm experiências diferentes em relação a essa cadeia discursiva.

Os sujeitos vão se construindo em meio a experiências variadas e, mesmo que em um momento, dois sujeitos passem por uma mesma experiência, essa experiência, por estar em diálogo com as experiências passadas desses sujeitos, será distinta a cada um.

2.4 Significação e tema

Além do conceito de diálogo e de sujeito, é importante entender a relação entre significação e tema nos estudos bakhtinianos. Se, na relação do eu com o outro, a necessidade a “troca” de informação, então é necessário que os sujeitos ampliem ao máximo a capacidade de significar de seus termos.

Porém, como já visto, os sujeitos têm experiências diferentes e, sendo assim, dialogam com os significados de formas diferentes. Portanto, há duas formas de se ampliar a capacidade de significar: o tema dependerá de uma enunciação que o potencialize; já a significação busca, na objetividade, a capacidade de significar.

Nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, lidava-se com as questões de produção de sentido de forma ampla. Sendo assim, diferenciam-se tema e significação, como sendo o primeiro superior ao segundo na capacidade de significar.

O tema é:

Indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão concreta da situação histórica concreta. Como decorrência é único e irrepetível. (BRAIT, 2005, p. 202)

A significação:

É [...] um estágio mais estável dos signos e dos enunciados, já que seus elementos, como fruto de uma convenção, podem ser

utilizados em diferentes enunciações com as mesmas indicações de sentido. (BRAIT, 2005, p.202)

Ou seja, a significação (que é estável) colocada na enunciação (que varia) dá origem ao tema. Da mesma forma, o tema tem importância na significação. Pois, sendo o tema variável em cada enunciação, possibilita que o sistema seja flexível, portanto, permitindo que a significação seja fixa.

2.5 Palavra

Em se tratando dos estudos bakhtinianos do discurso, ao relacionar os conceitos de palavra e diálogo, percebemos que:

A essa perspectiva [bakhtiniana] não interessa a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas (MARCHEZAN, apud BRAIT, p.123).

É na palavra que há o discurso interior, ela é o instrumento da consciência na criação ideológica.

A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. (BAKHTIN, 2006, p.42)

Enfim, nem todo signo pode ser representado pelas palavras, mas todas as transformações ideológicas passam pelo verbal. Ou seja: “A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação”. (BAKHTIN, 2006, p.38)

2.6 Signo

Também no signo dá-se o diálogo, dessa forma constrói-se o sentido. Sabendo que nos signos estão impressas as ideologias de um grupo social, então esse mesmo diálogo que se dá na língua, dar-se-á no discurso e, enfim, na vida.

Na produção teórica do Círculo, nota-se a preocupação dos autores de lidar com as questões de sentido de forma ampla, isto é, pensar não apenas os sentidos do signo ideológico; pensar o signo não apenas no domínio da língua, mas também no domínio do discurso e, portanto da vida. (BRAIT, 2005, p.201)

No diálogo que constrói o sentido de um signo ideológico há um encontro de ideologias. Por isso, esse signo não faz parte de uma única realidade, mas está repleto de ideologias anteriores e posteriores, que renovaram o sentido do signo, ao mesmo tempo em que resgatam sentidos antigos, o que dependerá da enunciação.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou aprendê-la de um ponto de vista específico, etc. (BAKHTIN, 2006, p.32)

Os signos são a materialização das ideologias, “[...] só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” (BAKHTIN, 2006, p.34). O signo só poderá constituir-se entre indivíduos socialmente organizados, formadores de uma unidade social. É essa a

Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. (BAKHTIN, 2006, p. 45)

Cria-se, portanto, uma cadeia ideológica, já que “[...] compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos [...]” (p. 34). Ou seja, a relação entre os signos é que permite a compreensão. Isso traz uma relação dialógica das ideologias.

2.7 Enunciado, Enunciado Concreto e Enunciação

No enunciado, estão representadas as ideologias e, para entendê-las, é necessário um estudo do enunciado que passe por uma análise dialógica, ou seja, o enunciado deve ser estudado levando em conta sua enunciação. A análise dialógica do discurso é o meio de entender ideologias do locutor e sua sociedade por meio dos enunciados produzidos.

As noções de enunciado/ enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano

justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. (BRAIT, 2005, p. 65)

O enunciado tem um ponto de vista histórico, pois ele tem relação com enunciados passados e desperta enunciados futuros, que estão sempre em diálogo, agindo uns sobre os outros; tem um ponto de vista cultural, pois esses enunciados têm uma relação temática; e tem um ponto de vista social, que é a relação entre os interlocutores. É nesses pontos de vista histórico, social e cultural que entram os termos enunciação e enunciado concreto. A enunciação é a situação extraverbal, ou seja, todas as ideologias, todos enunciados, todos os acontecimentos relacionados aos momentos em que um enunciado é produzido. Não é apenas uma causa externa, senão uma parte integrada do enunciado.

O enunciado concreto, segundo essa perspectiva, nada mais é do que o enunciado quando analisado em todo esse contexto. Ou seja, o enunciado concreto é aquele que é analisado em relação histórica, social e cultural com outros enunciados anteriores e posteriores em relação dialógica.

Nessa perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos e sujeitos etc.) que antecedem o enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante[...]. (BRAIT, 2005, p. 67)

3 ESTUDO SOBRE COESÃO E COERÊNCIA: A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Nesse capítulo, trataremos os estudos na área da Linguística Textual sobre coesão e coerência textuais. É partindo deste conteúdo que nos pautaremos para fazer a comparação entre os pareceres da linguística e dos grandes meios de comunicação.

Antes de apresentar os conceitos de coesão e coerência textuais estudadas pela área da Linguística Textual, é necessário fazer uma breve menção ao olhar que essa área tem da língua. Dessa forma, podemos entender melhor com que pontos de vistas esses temas serão tratados.

A Linguística Textual originou-se quando a análise de palavras ou frases, fora de um contexto, já não bastava para as questões formuladas. Foi necessário, então, que se criasse uma nova ciência da língua, aquela que analisaria o texto propriamente dito. Sendo assim, não ficariam excluídas dessa análise algumas partes da morfologia, da lexicologia e da fonologia.

Com o passar do tempo, a Linguística Textual percebeu a necessidade da infiltração da pragmática em suas análises. Ou seja, os contextos da produção e da recepção passaram a ser influentes na análise dos textos.

Podemos perceber, portanto, que o olhar da Linguística Textual é para o texto e seus contextos, tais quais sua produção, sua recepção e sua interpretação. Isso tornará muito interessante os discursos que analisaremos sobre coesão e coerência. Enquanto alguns buscam a definição de textos coerentes e coesos e transformam esses conceitos em métodos para atribuir notas aos produtores de um texto, outros defenderão que todo texto é coerente, buscando nele ligações com situações em que seja pertinente um texto, anteriormente julgado incoerente por alguns estudiosos.

Assim, passou-se a pesquisar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade. Conforme se disse acima, Beaugrande & Dressler (1981) apresentam um elenco de tais fatores, em número de sete: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Este trabalho será dedicado ao estudo de um desses fatores: a coesão textual. (KOCH, 2005.p. 11).

3.1 Coerência textual: o que é, onde se dá?

Coerência, segundo Koch e Travaglia (1995, p.11), “se estabelece na interação, na interlocução comunicativa entre dois usuários”. É ela, a responsável pelo sentido que os usuários captam do texto. E se dá “[...]pela atuação conjunta de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interacional (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 52)

A coerência se faz presente no texto desde o sentido que o enunciador busca atingir (já que o enunciador quer que seu texto seja entendido), até a recepção e interpretação que um enunciatário fará dele. Ou seja, ela estará presente em todos os momentos em que esse texto for utilizado. Portanto, “[...] a coerência não está apenas nos textos nem só nos usuários, mas no processo que coloca texto e usuário em relação numa situação”. (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p.40).

Textualidade ou textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como unidade significativa global. Portanto, tendo em vista o conceito que se tem de coerência, podemos dizer que é ela que dá origem à textualidade [...]. (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 20/27)

O fato mais marcante da coerência está em sua formação: Os momentos, as situações e os usuários de um discurso construirão diferentes sentidos ao mesmo texto, portanto, um texto pode ser coerente ou incoerente variando de acordo com a situação (com o contexto); em que está utilizado.

Há autores que negam que haja um texto que seja incoerente. Charolles, por exemplo. Segundo esse autor não há texto incoerente. Um leitor age sempre como se o texto fosse coerente e, portanto, faz de tudo para encontrar sentido. Continua ainda:

[...] nesta tarefa, é sempre possível encontrar um contexto, uma situação em que a sequência de frases dada como incoerente se torne coerente, vindo a constituir um texto. (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 32)

E isso é óbvio, cada pessoa tem um contexto histórico diferente, o que causa algumas diferenças às atribuições de sentidos que damos a cada palavra e conceito, por isso, um texto não é legível no mesmo grau por todos os leitores.

Porém, apesar de terem contextos diferentes, os enunciatários buscarão em seu conhecimento de mundo e em seu conhecimento partilhado com o enunciador encontrar

alguma coerência no texto, buscarão colocar o enunciado em situações e contextos em que se faça pertinente.

Percebemos, portanto, que a coerência se dá nos níveis sintático, semântico, temático, ilocucional, e pragmático.

3.2 Coerência: do que depende, como se estabelece?

No livro “Texto e Coerência” (1995), Koch e Travaglia citam alguns fatores que interferem na coerência textual, tais quais conhecimento lingüístico, conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, fatores pragmáticos, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, focalização, intertextualidade e relevância. Sobre alguns desses conceitos discorreremos a partir de agora para entendermos onde se localizam os maiores problemas de coerência no texto.

Como já dito, o conhecimento de mundo é muito importante na construção da coerência textual, mas, além disso, é importante que enunciador e enunciatário tenham certo grau de conhecimento partilhado. Analisando a coerência, esses parecem ser os itens de maior relevância em sua construção.

Os conceitos lingüísticos no texto podem ser causadores de incoerências em partes dele, mas isso não tira seu sentido total. Quando o enunciatário tem conhecimento do tema tratado pelo enunciador, ele tem mais facilidade para cooperar na construção do sentido do texto, por isso, noções básicas do assunto tratado são muito relevantes na construção da coerência de um texto.

Ao passo que o enunciatário depende de conhecimento compartilhado com o enunciador para interpretar um texto, o bom enunciador deve buscar esses pontos de conhecimento compartilhados para que possa produzir seu texto sendo o mais eficiente possível em transmitir ao enunciatário o que deseja.

É aí que entra a focalização, quando um texto é produzido, todo o conhecimento de mundo dos envolvidos nesse assunto vira-se para uma parte desse saber. Isso quer dizer que os sujeitos envolvidos em uma fala focalizam sua atenção em alguns pontos.

O enunciador busca, a partir de seu texto, voltar as atenções para um devido ponto. Já o enunciatário tentará interpretar o texto de acordo com relações que consegue fazer entre o texto e seu conhecimento de mundo. É aí que o contexto de cada pessoa se faz importante na construção da coerência e sentido de um texto

Outro ponto importante a ser discutido, e ainda dependente do conhecimento de mundo, e muitas vezes, até do conhecimento partilhado, são as inferências. Elas ocorrem quando algo não está escrito, mas é possível pressupor a partir do texto. Ou seja, algo que não esteja representado pelo lingüístico, mas que seja possível captar através do conhecimento de mundo.

Nesse momento, é necessário perceber que nem tudo o que se depreende a partir do texto é necessário para sua interpretação. O texto mais qualificado é aquele que facilita as inferências necessárias para seu entendimento e não possibilita ambigüidades e confusões causadas por inferências indesejadas ou pouco importantes ao texto.

Basicamente se entende por inferência aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto. (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 70)

Outro fator que implica fortemente na questão da coerência textual é o pragmático. Como já dito, a linguística textual passou a se preocupar com o externo ao texto, com sua produção, com seu enunciador, seu enunciatário e muito mais.

A coerência, portanto, passou a ser vista também de outra forma. Um texto nunca fez sentido sozinho. Aliás, em cada situação, como já vimos o mesmo texto pode ter um sentido diferente. Sendo assim, provamos a notoriedade do pragmático nessa discussão.

Os fatores pragmáticos que interferem na coerência textual são:

[...] tipos de atos de fala, contextos de situação, interação e interlocução, força ilocucionária, intenção comunicativa, características e crenças do produtor e receptor do textos, etc. tem a ver com a influência do pragmático na coerência. (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 74)

Ainda muito ligada aos fatores pragmáticos, temos a situacionalidade, isto é, um conjunto de fatores que dão relevância aos assuntos tratados em um texto em determinada situação. Se essa relevância é pequena, o texto parecerá incoerente, o que poderia impossibilitar ou dificultar o entendimento do conteúdo do texto.

“De acordo com Giora (1985), uma das principais condições para o estabelecimento da coerência é a relevância discursiva” (KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 95). O texto será coerente quando os enunciados de um mesmo texto tratarem de um

mesmo tópico discursivo; caso não haja uma ligação entre os enunciados, o texto só será coerente se entre esses enunciados houver um conectivo explícito.

Concluimos, portanto, que em todo o procedimento da produção e recepção de um texto haverá ligações diretas com a coerência. Percebemos ainda que a coerência de um texto depende de muito mais que unicamente seu enunciador e, portanto, pode ser problemático atribuir ao enunciador, unicamente, esse tipo de problema.

3.3 Coesão textual

Poderíamos dizer que a coesão textual é a responsável pela tessitura do texto, aquela que faz as ligações entre os enunciados do texto por meio de dependências de ordem gramatical, como dizem Beaugrande e Dressler (1981, apud KOCH, 2005, p. 16). A partir dela, é possível fazer as ligações entre os elementos do texto e, com isso, percebemos a ação de um elemento sobre o outro, montando o sentido do texto como um todo, fazendo as relações de sentido no interior o texto. Percebemos, assim, que a coesão tem grande influência na coerência.

Segundo Halliday e Hansan (1976):

[...] a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não se pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro. (p. 4). (KOCH, 2005, p. 16).

Koch (2005) afirma que o conceito de coesão textual

[...] diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. (KOCH, 2005, p. 18, 19).

Koch afirma que a coesão textual se utiliza de alguns mecanismos para realizar suas relações de sentido, tais quais, anáfora, catáfora, oposição ou contraste, finalidade ou meta, consequência, localização temporal, explicação ou justificativa, adição de argumentos ou ideias. Podemos perceber, portanto, que a coesão se dá tanto no nível lexical quanto no gramatical, como já diziam Halliday e Hansan (2005).

3.3.1 Mecanismos de coesão textual

A seguir, passaremos a olhar para as ferramentas utilizadas na tessitura de um texto (mecanismos responsáveis pela ligação de sentido). Com isso, poderemos perceber o olhar da linguística para o conceito de coesão.

[...] Halliday e Nasan (1976) distinguem cinco mecanismos de coesão:

- Referência (pessoal, demonstrativa, comparativa);
- Substituição (nominal, verbal, frasal);
- Elipse (nominal, verbal, frasal)
- Conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa);
- Coesão lexical (repetição, sinonímia, híperonímia, uso de nomes genéricos, colocação)”. (KOCH, 2005, p.20)

Elemento de referência é um item da língua que não constitui um significado semântico sozinho, ele precisa remeter a outras palavras para constituir um valor no contexto em que é usado.

Segundo Koch , para esses autores há dois tipos de referência, são elas: A exofórica e a endofórica; enquanto a primeira remete a algo externo ao texto, a segunda remete a algo explicitado no texto.

O segundo caso, referência endofórica, pode ocorrer de duas formas: anáfora ou catáfora A anáfora ocorre quando a referência é feita a algo já explicitado no texto, ao passo que a catáfora é o nome dado à referência feita a algo que ainda será apresentado no texto.

Já uma substituição ocorre quando o item ao qual se faz referência tem algum contraste com o item referencial. Isso é, quando o item traz alguma informação nova ou diferente. Para que não haja a repetição de uma palavra, ou até de uma frase, é usada a substituição.

A elipse ocorre quando a recuperação de um elemento pode ser facilmente processada pelo contexto, tornando desnecessário um item responsável por essa referência.

As conjunções são utilizadas quando queremos valorar a ligação entre dois elementos de um texto. A conjunção”[...] permite estabelecer relações significativas entre elementos ou orações do texto”. (KOCH, 2005, p. 21)

Temos, por fim, a coesão lexical, que se utiliza de repetição, sinonímia, hiperonímia, nomes genéricos e colocação para fazer a remissão a alguns elementos do texto.

Em análise detalhada desses mecanismos, veremos que, muitas vezes, esses conceitos se chocarão e em alguns exemplos ficará difícil discernir os casos. Portanto, os conceitos até aqui citados já foram refutados por alguns linguistas mais atuais.

De qualquer forma, podemos perceber a partir dos pensamentos de Halliday e Hasan (1976), o funcionamento básico dos mecanismos de coesão textual. Porém, nos atentaremos para os pareceres de Koch (1995) sobre o assunto: a coesão remissiva ou referencial e a coesão seqüencial.

A coesão referencial é aquela em que ocorre a recaptura de elementos em um texto; já a coesão seqüencial é aquela que possibilita a relação de partes do texto, ou seja, constrói um texto linguisticamente melhor formulado. Perceberemos que, muitas vezes, a coesão referencial não apenas faz a ligação entre os termos, como ainda possibilita a sequenciação do texto.

3.4 Coesão referencial

Chamo, pois, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro, denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual”. (sequenciação)[...]. (KOCH, 2005, p. 31)

Para o segmento dessas ideias será necessário entendermos, segundo Koch (2005), que:

- a) O significado de elemento de referência é bastante amplo, podendo ser desde um sintagma até um enunciado.
- b) O referente vai se construindo a cada vez que é citado; em cada novo contexto, adquire mais características, sendo assim vai se constituindo a partir do enunciado, segundo Blanche-Benveniste.
- c) A relação que existe entre o referencial e o referente também relaciona os contextos em que ambos se envolvem, segundo Kallmeyer (1974).

Como já vimos, a coesão é obtida a partir do momento em que a forma remissiva faz remissão a um termo inferível no texto. Koch (2005) acredita que as formas remissivas

podem ser de ordem **gramatical** ou **lexical**. As formas gramaticais não fornecem instruções de sentido, mas de conexão (concordância) e podem ser **presas** ou **livres**.

As formas remissivas gramaticais presas são as que acompanham um nome, antecedendo-o e também ao(s) modificador(es) anteposto(s) ao nome dentro do grupo nominal[...] Seriam, em termos de nossas gramáticas tradicionais, os artigos, pronomes adjetivos (demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos) e os numerais cardinais e ordinais, quando acompanhados de nomes. (KOCH, 2005, p. 34).

Os pronomes adjetivos e numerais cardinais, quando ocupam um mesmo lugar dos artigos, exercem a função-artigo.

As formas gramaticais remissivas livres “[...] não acompanham um nome dentro de um grupo nominal” (KOCH, 2005, p. 38). Enquadram-se nessa lista, os pronomes pessoais de terceira pessoa, elipse, pronomes substantivos de função pronominal, advérbios pronominais e pró-formas verbais (formas verbais remissivas).

Já as formas remissivas lexicais são aquelas que fazem referência ao extralingüístico. Ou seja, muitas vezes até fazem a concordância, mas principalmente dão instruções de sentido.

São Elas, segundo Koch (2005):

- a) **Expressões ou grupos nominais definidos:** “Trata-se de grupos nominais introduzidos pelo artigo definido ou pelo demonstrativo que exercem função remissiva”. (Koch, 2005. p. 48).
- b) **Nominalizações:** “Trata-se de formas nominalizadas (nomes deverbais), através das quais se remete à predicação realizada pelo verbo e argumentos da oração anterior” (Koch, 2005. p. 48).
- c) **Expressões sinônimas ou quase-sinônimas.**
- d) **Nomes genéricos.**
- e) **Hiperônimos ou indicadores de classe.**
- f) **Formas referenciais com lexema idêntico ao núcleo do SN antecedente, com ou sem mudança de determinante.**
- g) **Formas referenciais cujo lexema fornece instruções de sentido que representam uma “categorização” das instruções de sentido de partes antecedentes do texto.**

- h) Formas referenciais em que as instruções de sentido do lexema constituem uma “classificação” de partes anteriores ou seguintes do texto no nível metalingüístico.**

Apesar de todo o esforço de enunciador e enunciatário, segundo Koch (2005), nem sempre é fácil produzir algo que não traga ao texto ambigüidade, por isso, cabe ao enunciador dar o maior número de pistas para que o leitor possa atingir o significado pretendido.

3.4.1 Coesão sequencial

Entre os segmentos de um texto há inúmeras relações semânticas e pragmáticas e essas relações são percebidas quando o texto é bem projetado. Ou seja, são necessários procedimentos lingüísticos que dão ao texto a coesão sequencial que permite a fluidez e conexão necessária às partes do texto. A interdependência nesses textos pode ser mantida a partir da sequenciação frástica ou parafrástica.

3.4.1.1 Sequenciação frástica

[...] a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas lingüísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação. O texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um “ralentamento” no fluxo informacional. (KOCH, 2005, p. 60)

Para que se torne possível a sequenciação frástica, são necessários mecanismos que possibilitem a manutenção do tema e o estabelecimento do semântico e pragmático.

Charolles (1986) ressalta que o uso dos mecanismos coesivos tem por função facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelos usuários. Por essa razão, seu uso inadequado pode dificultar a compreensão do texto: visto possuírem, por convenção, funções bem específicas, eles não podem ser usados sem respeito a tais convenções. (KOCH, 2005, p. 77)

Esses mecanismos, segundo a listagem de Koch (2005) seriam, por exemplo:

- a) Procedimento de manutenção temática, ou seja, para estimular a memória do enunciatário, mantém o tema a partir do uso de um termo pertencente a um

mesmo campo lexical em dois momentos. Assim, fica possível continuar um tema.

- b) Progressão temática, ou seja, a possibilidade de conectar o tema ao rema. Essa progressão pode acontecer de várias formas, por exemplo, em progressão temática linear, progressão temática com um tema constante, progressão com tema derivado, progressão pó desenvolvimento de um rema subdividido e progressão com salto temático.
- c) Encadeamento, responsável por estabelecer as relações semânticas entre orações, enunciados e até mesmo sequências maiores do texto. Ela pode ocorrer por justaposição ou conexão. No caso da conexão, são usados sinais de articulação que estabelecem, entre as partes do texto, relações semânticas. Esses sinais de articulação seriam responsáveis por: Relações lógico-semânticas (Tempo simultâneo, tempo contínuo ou progressivo); Relações discursivas ou argumentativas (conjunção, disjunção argumentativa, explicação ou justificativa, comprovação, conclusão, comparação, generalização/ extensão, especificação/ exemplificação, contraste, e correção/ redefinição).

3.4.1.2 Sequenciação parafrástica

No caso da sequenciação parafrástica, segundo Koch (2005), os procedimentos de recorrência são:

- 1- Recorrência de termos
- 2- Recorrência de estruturas- paralelismo sintático
- 3- Recorrência de conteúdos semânticos- paráfrase
- 4- Recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou supra-segmentais
- 5- Recorrência de tempo ou aspecto verbal

Esses procedimentos, muitas vezes, reformulam, fazem previsão ou acrescentam ideias ao sentido do texto. Todos eles contribuem para a construção do sentido do texto ao mesmo tempo em que fazem a ligação entre as partes.

4 A RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCURSO DA CIÊNCIA NA VOZ DO PROFESSOR DE REDAÇÃO NA MÍDIA

Esse capítulo visa a fazer uma análise dialógica do enunciado de Thaís Nicoleti, o qual consideramos um discurso da mídia que tem sido assumido nas escolas.

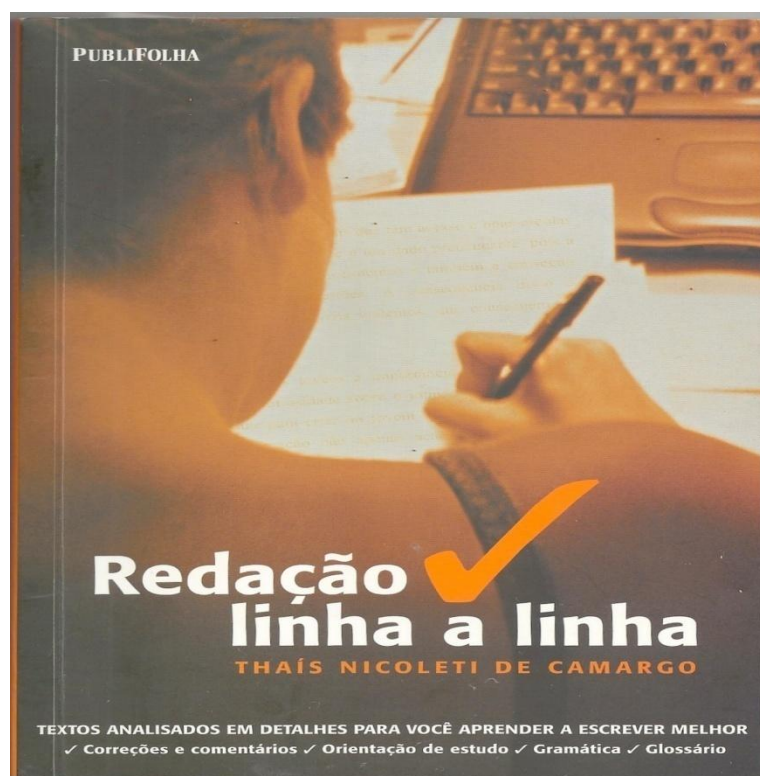
A autora em questão, Thaís Nicoleti de Camargo, como se pode ler nas orelhas, é consultora de língua portuguesa da Folha de São Paulo. Trabalhou com ensino de português em sala de aula desde 1984, e foi colunista dos cadernos “FOVEST” e “Redação do leitor”, que inclusive deu origem ao livro objeto dessa análise. Vê-se todo um trabalho, portanto, voltado ao vestibular.

A produção dos textos, nesse caso, visa o contexto dos vestibulares. Ou seja, esses textos podem não ter como foco a eficiência no uso da língua, mas a eficiência do uso da língua em um contexto dado: o vestibular.

Teorias lingüísticas são descontextualizadas e aplicadas no contexto escolar. Ou seja, a conquista de vagas no vestibular parece ultrapassar a necessidade de aprendizado da língua portuguesa. Com isso, a mídia apropria-se de enunciados da lingüística descontextualizando-os da enunciação em que foram produzidos e ressignificando-os.

4.1 Capa

Foto 1: Capa do Livro “Redação linha a linha”(2010)



Fonte: CAMARGO, 2010, capa

A capa do livro em questão é composta pelo título “Redação linha a linha”, o nome da editora “PUBLIFOLHA”, o nome da autora “Thaís Nicoleti de Camargo”, um comentário que tende à publicidade “Textos analisados em detalhes para você aprender a escrever melhor” e por tópicos (Correções e comentários, Orientação de estudo, Gramática e Glossário) que parecem muito ligados ao estilo dos materiais de cursinho pré-vestibular.

O título do livro contraria a teoria Bakhtiniana: se essas “linhas” forem analisadas fora de seus contextos, ou seja, estando o enunciado fora da enunciação, provavelmente não terão o mesmo sentido.

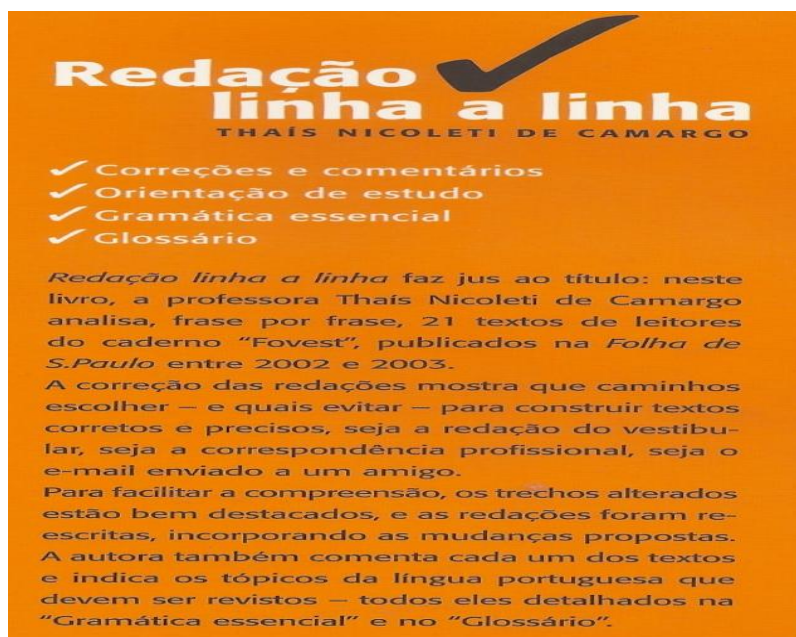
O comentário de visão publicitária (textos analisados em detalhes para você aprender a escrever melhor), isto é, um comentário que visa à vendagem, prometendo a melhor escrita diante da análise mais minuciosa possível.

Quanto às imagens, há ainda uma imagem de uma estudante escrevendo uma redação em papel e caneta, remetendo fortemente ao vestibular. À frente dessa estudante há ainda um computador, ou seja, signo ideológico que melhor representa a modernidade. É dizer: a forma de escrever mais moderna e eficiente é a proposta no

livro. Além desses elementos, vale ressaltar o sinal “✓” que aparece na capa, que pode ser considerado o sinal utilizado para apresentar algo como “correto”, mais uma vez remetendo à correção de uma prova e com sucesso.

A contracapa é composta por um texto de apresentação do livro

Foto 2: Contracapa do Livro “Redação linha a linha”(2010)



Fonte: CAMARGO, 2010, contracapa

Mais uma vez, remete-se às frases como sendo analisadas uma por uma; como já visto, isso pode ser uma forma de análise que retira o enunciado de sua enunciação. Vale ressaltar o nome do caderno em que são publicadas as redações alvos da correção de Thaís Nicoletti: “Fovest”. Nome que provavelmente venha da mescla do nome do Jornal “Folha de São Paulo”, cotidianamente chamado de “Folha”, e vestibular, mas que remete fortemente a FUVEST.

Essa ligação parece muito lógica, já que FUVEST é o vestibular para o ingresso à faculdade de mais almejo no Estado de São Paulo, a USP. Ou seja, mais uma vez, o livro mostra mais ligação com a aprovação no vestibular que com o desenvolvimento do aluno na língua portuguesa. E apesar de a aprovação no vestibular parecer estar interligada ao bom desempenho na língua portuguesa, isso nem sempre é uma regra.

Um outro trecho desse mesmo texto é:

A correção das redações mostra que caminhos escolher- e quais evitar- para construir textos corretos e precisos, seja a redação do vestibular, seja a correspondência profissional, seja o email enviado a um amigo. (CAMARGO, 2010, contra capa)

A primeira parte questionável nesse trecho é a afirmação de que há caminhos para chegar a textos corretos. Mas o que seriam textos corretos? Essa é uma pergunta que deverá ser respondida durante a análise do livro.

Ao mesmo tempo, o que segue após essa afirmação é algo que mostra que o livro não se preocupa apenas com o contexto do vestibular (correspondência Profissional, email enviado ao amigo e o vestibular são textos que o livro visa a melhorar). O que é estranho é que os textos analisados são unicamente desse contexto. Mesmo assim, o trecho já dá uma prévia de que há vários contextos de escrita, basta saber se em cada contexto o texto correto tem um caminho, ou se os contextos são dispensáveis à escrita na visão da autora.

Diz-se ainda que devemos evitar alguns caminhos para construir o texto correto. A palavra “evitar” está empregada para que não permita a interpretação de que a autora seja despreocupada com as teorias da lingüística. De qualquer forma, se há caminhos para evitar, porque eles devem ser evitados? Mais uma questão a ser percebida no decorrer dessa análise.

4.2 Orelha

Foto 3: Orelha 1**Livro “Redação linha a linha”
(2010)**

“Título genérico”. “Pôr vírgula”. “Redundância”. Nada escapa à professora Thaís Nicoleti de Camargo, consultora de língua portuguesa da *Folha de S.Paulo*. Avaliadas parágrafo por parágrafo, linha a linha, redações publicadas no caderno “Fovest”, da *Folha*, servem de exemplo para que o leitor aprenda a escrever melhor. Além de realizar uma minuciosa correção gramatical, a autora discute os pontos fracos da argumentação apresentada nos textos – sugerindo soluções para os problemas – e comenta as boas ideias desenvolvidas nas redações. Ao final de cada análise, há uma “Orientação de estudo”, com indicações de aspectos que o leitor precisa revisar para não cometer os mesmos erros encontrados nos exemplos corrigidos. Esses temas também são explicados na “Gramática essencial” – que reúne os principais tópicos da língua portuguesa – e no “Glossário” – com definições de pontos importantes da estrutura da redação.

Fonte: CAMARGO, 2010, orelha**Foto 4: Orelha 2****Livro “Redação linha a linha”
(2010)**

Thaís Nicoleti de Camargo é professora de português desde 1984. Atua como consultora de língua portuguesa do jornal *Folha de S.Paulo* e lecionou no ensino médio e em cursos pré-vestibulares.

Desde 2000, escreve sobre gramática, literatura e redação no caderno “Fovest”, da *Folha*. Assina também a coluna “Redação do Leitor”, que deu origem a este livro, publicada desde 2002 no mesmo caderno.

Prestou consultoria no anexo gramatical do *Manual da Redação da Folha de S.Paulo*, lançado pela Publifolha. Entre 1990 e 2002, apresentou as aulas de gramática do programa *Vestibulando*, levado ao ar pela TV Cultura (São Paulo). Ministra ainda cursos de língua portuguesa e redação em empresas.

Fonte: CAMARGO, 2010, orelha

Um título genérico parece estar ligado à criatividade ou não do autor, a colocação da vírgula liga-se ao aspecto gramatical dos textos, enquanto redundância está presente na mescla de fatores semânticos, sintáticos e pragmáticos em um texto. Ao enumerar esses fatores, pode-se dizer que está implícito que sua consideração é importante na construção de um texto.

Vale ressaltar ainda a expressão “nada escapa” utilizada nesse discurso (Foto 3). Algo que “escapa” está fora do esperado, e se nada escapa à professora, então ela detém conhecimento de formas corretas de articular um texto.

A próxima parte desse mesmo texto é:

Avaliadas parágrafo por parágrafo, linha a linha, redações publicadas no caderno “Fovest”, da Folha, servem de exemplo para que o leitor aprenda a escrever melhor. (CAMARGO, 2010, orelha)

Vale repetir aqui o que já foi dito no item anterior: retirar o que é dito de seu contexto, ou seja, retirar o enunciado de sua enunciação, faz perder muito de seu sentido, que poderia ser produzido quando considerada a enunciação. Portanto, uma linha analisada por si só pode ter alterado seu sentido, tanto quanto o parágrafo fora de seu texto e o texto fora de seu contexto. Ao mesmo tempo, dizer que uma avaliação [ou redação?] é analisada parágrafo por parágrafo, linha a linha, pode ser a afirmação de que algo será analisado minuciosamente. Aliás, podemos perceber que o trecho se refere a parágrafo e, posteriormente, a linha, apresentando uma análise que inicia de uma parte maior e encaminha-se à menor, dando realmente a impressão de uma análise bem detalhada e que não coloca de lado qualquer uma das áreas do estudo da linguagem (sintática, pragmática, semântica etc).

Ainda nesse trecho, aparece o termo “Fovest” que, como já visto, remete fortemente ao contexto dos vestibulares. Por último, há uma afirmação de que, a partir dos exemplos, o leitor possa aprender a escrever melhor, o que permite a interpretação de que esse livro nos leva a um tipo de escrita, provavelmente aquela que se busca nas redações para vestibulares. Podemos também inferir, do que afirma o texto da (Foto 3), que há uma “deficiência” de escrita que o livro vem tentar resolver – parte-se do pressuposto dessa deficiência para se afirmar que o leitor pode “escrever melhor”.

A orelha segue apresentando o conteúdo do livro, mostrando que os objetivos principais estão relacionados aos aspectos gramaticais, mas que há ainda pontos do livro que focam a melhoria da argumentação. Juntamente à apresentação do conteúdo, a orelha apresenta em quais partes do livro podemos encontrar cada aspecto, situando o leitor na busca de seus elementos. Essa separação bem detalhada, como em um índice, é bem parecida à dos materiais didáticos usados nos cursos pré-vestibulares. Temos um diálogo nessa foto com um discurso pedagógico praticado em contexto escolar, tanto no

que diz respeito ao conteúdo/práticas retomados – ensino gramatical, o discurso sobre a “deficiência” na produção textual –, mas também à forma composicional de materiais didáticos.

A outra orelha (Foto 4) é dedicada à apresentação da autora do livro, Thais Nicoleti de Camargo. Sua descrição apresenta um indivíduo com grande formação em gramática e com os trabalhos voltados à gramática e aos vestibulares. Temos aí uma espécie de propaganda, mostrando os valores da autora na área e dando a ela credibilidade, tornando o livro uma aquisição que oferece uma boa oportunidade aos vestibulandos.

4.3 Sumário e organização

O sumário de “Redação linha a linha” (2010) está organizado em sete itens. “Apresentação; Redações comentadas; Gramática essencial; Glossário; Bibliografia; Índice remissivo; e Agradecimentos”, respectivamente.

Primeiramente, portanto, há uma motivação para que o livro seja lido, depois haverá o exercício das correções das redações, ou seja, o item “redações comentadas” é o momento em que os conceitos são aprendidos e vistos em sua aplicação em um contexto.

Há um momento em que se apresenta a gramática mais essencial, do ponto de vista da autora. Essa apresentação da gramática se dá de forma direta, são as regras propriamente ditas. O próximo item é um glossário que apresenta os conceitos e suas definições em ordem alfabética. Há ainda um índice remissivo, apontando para as páginas em que alguns conceitos aparecem no item “redações comentadas”.

Essa disposição utilizada na organização do livro permite ao leitor tanto uma leitura completa, quanto uma revisão ou busca direta dos conceitos. O leitor terá ainda a possibilidade de estudar os conceitos na prática ou na teoria, isso porque há partes destinadas à aplicação desses conceitos, e outras são destinadas às regras e às definições.

A bibliografia, por fim, apresenta livros ligados a gramáticas, áreas da linguagem que visam à “boa” argumentação (estilística, retórica) e à “boa” comunicação (prosa, escrita). Mais uma vez, os livros usados nessa bibliografia mostram a busca pela melhoria na escrita das redações de vestibular.

4.3.1 Apresentação

Um dos itens, como já dito, é a apresentação. Aqui podemos perceber alguns focos do livro. Por exemplo, a primeira frase da apresentação é:

Escrever, hoje, é uma necessidade para muitos profissionais e para estudantes que se vêm às portas da universidade. Num mundo cercado de informações, a capacidade de organizar as ideias por escrito é cada vez mais uma exigência do mercado de trabalho. Além disso, é um indicador de amadurecimento intelectual daquele que pretende ingressar no ensino superior. (CAMARGO, 2010, p.7)

Percebemos, segundo esse trecho, que o leitor presumido não é apenas o aluno candidato a um exame pré-vestibular, mas também a pessoa que visa a um lugar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, diz-se que o foco não é apenas um tipo de texto, mas a escrita, a capacidade de organizar ideias por escrito; mais uma vez essa afirmação fica pouco clara, já que o único tipo de texto utilizado nas análises são os produzidos nas propostas dos vestibulares.

De qualquer forma, vê-se a linguagem focada no mercado de trabalho, ou seja, a busca não é somente pela melhoria da linguagem, mas pela melhoria da linguagem que permita a seu falante um lugar nesse sistema econômico vigente, o capitalista. Ou seja, temos materializada, nesse discurso, a ideologia de que a escrita serve ao mercado de trabalho, sua importância se desloca dela própria e serve a outros propósitos. A atração principal do livro é a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho.

A sequência do item “Apresentação” expõe algumas ideias iniciais de uma melhor escrita. Por exemplo, o rompimento com a subjetividade, a fuga do senso comum, a busca pela construção de uma opinião em um processo baseado em estudo e pensamento crítico. Mais uma vez, sinônimo de boa escrita parece ser a que está adequada aos parâmetros dos vestibulares. A busca por um pensamento crítico tem sido alvo das escolas há alguns anos, o que levou a um texto sem subjetividade.

O que se percebe nesse discurso é a divulgação de que a boa escrita é apenas essa, enquanto, na verdade, é uma das formas de escrita que existem. Por exemplo, a subjetividade não é em todo contexto de escrita um problema, mas torna-se um problema em um texto em que será analisada a capacidade crítica do escritor, pois quando o escritor escreve com objetividade sua argumentação parece mais racional por

estar baseada em estudos, enquanto o uso da linguagem subjetiva pode dar ao leitor a impressão de estar lendo algo não baseado em estudos, mas em “achismos”.

A autora complementa essas dicas dizendo:

Seria ingenuidade acreditar na existência de um conjunto de técnicas que, milagrosamente, levariam alguém a redigir bem. (CAMARGO, 2010, p.7)

Essa afirmação é prova que, também para a autora, não há estrutura única para a boa escrita, não há uma receita, mas há algumas dicas que podem ajudar na melhoria da escrita. O único problema é que algumas dicas não cabem a qualquer texto, portanto não se consegue saber se a busca é pela melhoria da escrita ou pelo melhor desempenho nos tipos de textos propostos pelos vestibulares. Por fim, a última parte do item em questão dedica-se a apresentar as partes do livro e como está projetado.

4.4 Coesão e coerência no discurso de Thaís Nicoleti de Camargo

Como já visto, o livro de Camargo está dividido em alguns itens, dos quais destacaremos dois para a análise do discurso da autora sobre os conceitos de coesão e coerência, empreendendo um diálogo com a Linguística Textual. Os itens são “Redações comentadas” e “Glossário”.

Analisaremos primeiro o item Glossário, para ter contato direto com a definição de coesão e coerência. Por último, discutiremos as redações comentadas.

4.4.1 Glossário

Foto 5: Glossário do Livro “Redação Linha a linha”, 2010.

exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. (“Folha Sudeste”, 6/6/1992). O último período do texto exprime algo diverso daquilo que o autor desejava dizer – afinal, dificilmente os jovens iriam a motéis com a companhia ou com a autorização dos pais.

Clichês Os clichês ou lugares-comuns são expressões largamente empregadas que, em geral, reproduzem ideias prontas. Seu uso desvaloriza o texto, dando-lhe a impressão de falta de originalidade e de ausência de reflexão sobre o tema. Essas “fórmulas” de construção, de tão desgastadas pela repetição, acabam por desvalorizar o texto. Exemplos: “fechar com chave de ouro”, “encontrar uma luz no fim do túnel”, “do Oiapoque ao Chuí”, “ter direito a um lugar ao sol”, “o fantasma da inflação”, “a novela do aumento do salário mínimo”, “o D da DPZ”, definições de dicionário introduzidas por “segundo mestre Aurélio...” etc. Constituem uma modalidade de clichê as chamadas séries usuais, que são sequências de palavras que sempre se repetem. Exemplos: “silêncio sepulcral”, “nobre colega”, “ilustre deputado”, “óbvio ululante”, “longo e tenebroso inverno”, “gravemente doente”, “mortalmente ferido”, “corpo escultural”, “lauto jantar”, “honroso convite” etc. É bem verdade, todavia, que, com criatividade, é possível empregar essas expressões em contextos humorísticos ou irônicos.

Coerência A coerência é o substrato lógico do texto. É o conjunto de relações sintático-semânticas que unem as partes de um texto. O texto é coerente quando não há incompatibilidade entre as suas partes.

Coesão A coesão é a ligação de natureza gramatical (sintático-semântica) entre

as partes de uma sentença ou de um texto. Expressa-se pelo uso adequado dos conectivos (preposições, conjunções e expressões de ligação). Falta coesão a um texto quando as ideias estão “soltas”, não se relacionam. Os elementos de coesão são indispensáveis para estabelecer relações (de causa e efeito, de condição, de adição, de oposição, de conclusão etc.). V. coordenação e subordinação, **págs. 107 e 127.**

Coloquialismo Chama-se coloquialismo ao uso de variante linguística oral em situações de informalidade. Observa-se nas dimensões fonética, morfológica, sintática e/ou semântica. Exemplos: “é nós na fita”, “memo” (no lugar de “mesmo”) etc.

Concisão A concisão é uma qualidade bastante apreciada nos textos informativos e dissertativos em geral. Trata-se da exposição das ideias com precisão e com poucas palavras.

Conclusão A conclusão é a etapa final do texto dissertativo. Nela, os argumentos anteriormente expostos devem ser devidamente sintetizados e a ideia central do texto deve ser explicitada. A conclusão deve decorrer naturalmente do que tiver sido apresentado antes. Em geral, é introduzida por expressões como: “portanto”, “logo”, “de modo que”, “assim”, “então”, “por conseguinte”, “por isso” etc.

Conotação A conotação é a possibilidade que têm as palavras de ampliar seus significados por meio de volteios sintáticos e semânticos. É o que se chama também de “sentido figurado”.

Contra-argumento O contra-argumento é o argumento que se opõe a outro. Ao desenvolver o raciocínio, é preciso refutar os contra-argumentos.

Fonte: CAMARGO, 2010, p. 136

No glossário, como é comum nesse gênero, as palavras estão em ordem alfabética. Coerência e coesão estão uma em seguida da outra, e para representar o tipo de palavra selecionada nesse glossário, colocaremos as cinco palavras anteriores e as posteriores aos termos em questão. Temos, assim, a seguinte sequência: “Carta, catacrese, círculo vicioso, clareza, clichês, coerência, coesão, coloquialismo, concisão, conclusão, conotação e contra-argumento”.

Tendo em vista esses termos, podemos perceber que há: gêneros discursivos, etapas do texto e algumas nomenclaturas de situações que ocorrem nos textos. O que se pode perceber é uma ligação muito grande com os vestibulares: por exemplo, nesse trecho destacado da palavra carta: “A carta como modalidade de redação exigida em exames vestibulares [...]”. (CAMARGO, 2010, p.135). É perceptível, nesses termos, o

que se deve evitar ou o que se deve fazer para conseguir bons resultados. Percebemos nesse discurso um “modo de fazer”, uma “receita” para alcançar bons resultados. Em outro item desse glossário temos: “A concisão é uma qualidade bastante apreciada nos textos informativos e dissertativos em geral”. (CAMARGO, 2010, p. 136). Percebemos aqui um diálogo da autora com o discurso que prescreve que os alunos devem se adequar a um padrão estilístico. Um exemplo desse discurso pode ser encontrado em manuais escolares e manuais de vestibulares.

Segundo a definição de coerência, ela seria um elemento, apenas, interno do texto e seria dependente apenas da capacidade do locutor de produzir sentido. Isto é, o contexto em que o texto é produzido e a capacidade de interpretação do interlocutor estariam fora do processo de coerência textual.

A coerência é o substrato lógico do texto, mas essa lógica depende do locutor e interlocutor com a mesma capacidade e percepção lógica, além disso, o texto coerente deve também se fazer coerente com fatores externos ao texto. Portanto, coerência é sintática, é semântica, mas também pragmática, tendo uma ligação necessária com o “contexto”. Ou seja, o enunciado deve fazer sentido no grupo social em que é divulgado, na enunciação em que é produzido e na enunciação em que é interpretado.

O item “índice remissivo” liga à coerência o que se chama “verossimilhança”, sobre a qual é dito:

A verossimilhança é o princípio da coerência interna de uma narrativa no que concerne às personagens, às ações e à sequência em que se organiza o texto. A verossimilhança é o que permite ao leitor aceitar como legítimos os fatos narrados. (CAMARGO, 2010, p. 147)

A verossimilhança é um termo normalmente utilizado para textos de ficção. Fala-se sobre a coerência interna dessas narrativas, mesmo assim, não devemos negar que essas narrativas tenham relações com aquilo que há de externo ao texto. Ou seja, mesmo nesses casos a coerência não se faz simplesmente dentro do texto, mas na sua relação com o externo. A enunciação é, mesmo nesse tipo de enunciado, muito importante na compreensão.

Ainda no glossário, o que temos sobre coesão é que enquanto a coesão seria a ligação das partes do texto, a coerência seria aquilo que o tornaria lógico. Seria evidente, portanto, perceber forte ligação entre coesão e coerência, pois correntemente a falta de coesão levaria um texto a ser também incoerente.

O trecho de Camargo sobre coesão ainda propõe ao leitor que remeta aos conceitos de coordenação e subordinação (presentes no item “Gramática essencial” do livro), ou seja, ao momento em que explica esses termos gramaticais, responsáveis por fazer a ligação entre frases, de forma que o leitor possa produzir um texto mais coeso.

Os conceitos de coesão e coerência têm ainda muito a ver com o conceito de clareza, que também pode ser visto na Foto 5.

4.4.2 Redações comentadas

Neste item, buscamos aplicar os conceitos da análise dialógica nos comentários da autora sobre as redações enviadas ao caderno “FOVEST”, na tentativa de conferir se há uma ressignificação dos discursos da Linguística Textual.

4.4.2.1 Enunciado e sua enunciação: Diálogo

O enunciado é produzido em um contexto, chamado enunciação, ou seja, nesta se constrói o sentido daquele. Quando o enunciado é retirado de sua enunciação, passa por um processo de ressignificação, podendo se tornar incoerente ou construindo-se um novo sentido. Sendo assim, quando um enunciado é uma resposta a outro (estando ambos em diálogo), e tem seu significado retirado de seu contexto de produção, essa resposta passa a fazer um novo sentido.

Quando Camargo comenta essas redações, não são apresentados ao leitor os temas propostos para que as redações fossem escritas, isso faz com que os enunciados (redações) que seriam respostas aos temas sejam retirados de sua situação de enunciação.

Na crônica retratada na Foto 6, a autora critica a incoerência da construção “aprender com os maus exemplos”, justificando que não se pode julgar algo sem que um ponto de vista sobre isso já esteja formado. É dizer, ninguém aprende através de um mau exemplo, pois em mau exemplo já está um juízo de valor.

Foto 6: Crônica 1

Faltou o título

Creio que todas as pessoas com as quais tomamos contato, ainda que não diretamente, contribuem de alguma forma para nossa formação. Alguns de forma positiva, sendo verdadeiros exemplos a serem seguidos. Outros, mostrando-nos o que não ser e o que não fazer.

Começando pelos piores exemplos, a maioria dos políticos do Brasil são anti-modelos para nossa formação, ensinam-nos tudo que devemos evitar em nossa vida.

Claro que existem políticos que nos transmitem coisas positivas, mas num ambiente com tanta sujeira, fica difícil separar o joio do trigo. Muitos líderes de outras áreas também contribuem para nossa formação, mas a lição mais forte a ser aprendida, ainda que negativa, vem dos nossos políticos.

Em se tratando da educação formal, os maiores responsáveis por nossa formação são os professores, que, infelizmente, em nosso país, não têm o respeito devido. Ganham mal, são mal treinados e, por isso, são incapazes de nos transmitir muitos conhecimentos. Fazem o possível que podem, mas suas capacidades são limitadas. A maioria não ensina aos alunos o prazer de aprender, somente os obriga a estudar.

Terminando com quem deve nos dar os melhores exemplos, vêm os nossos pais e familiares, decisivos em nossa formação moral. São eles que estão mais próximos de nós e por mais tempo, e que podem melhor nos transmitir os valores e ideais que devemos seguir. Valores e ideais que vão nortear nossa vida para sempre.

Ainda que de forma muito diferente, todas essas pessoas nos ensinam algo para nossa vida.

Pena termos que aprender muitas vezes através de maus exemplos, mas isso serve para nos ensinar o que temos que mudar.

Uso de primeira pessoa do discurso
Erro de concordância (os pronomes referem-se a "pessoas")
Palavra de aviso
"antimodelos"
"o"
"É claro"
Pôr vírgula
Clichê
Desenvolver a ideia
"são devidamente respeitados"
"mal preparados"
Generalização
Redundância
"sua capacidade é limitada"
Digressão
Palavra de aviso
"vêm"
Suprimir a vírgula
"seguir, valores"
Falta de coerência

Fonte: CAMARGO, 2010, p.26

Essa construção se encontra na conclusão da crônica em questão e, em relação ao texto como um todo, não se mostra incoerente, mas apresenta harmonia com o texto, há relevância considerando-se os parágrafos anteriores.

Ao afirmar que esta frase não apresenta coerência, Camargo retira mais uma vez o enunciado de sua enunciação; e o sentido que se fazia no todo se perde porque o fragmento é entendido como um texto independente. Analisar a coerência de uma frase fora de seu contexto é buscar estruturas que façam sentido em toda e qualquer enunciação.

4.4.2.2 Ideologia, propaganda e enunciado

Como já dito, as ideologias refletem e refratam outras ideologias, fazendo parte de um diálogo, em que são produzidos discursos carregados de ideologias. Se as transformações sociais nos levaram a ideologias como a da padronização e da busca pelo consumo, temos como reflexo e refração os enunciados publicitários.

Como vimos na capa, nas orelhas e na apresentação do livro, há todo um enunciado publicitário que expõe o livro como um produto a ser consumido. O foco do enunciado publicitário, como sabemos, é a vendagem de um produto e, tendo esse foco, argumenta com os motivos pelos quais o produto deve ser consumido. Entendendo-se que um produto é consumido quando se encaixa nas necessidades da sociedade, também o discurso publicitário tenta demonstrar em que aspectos o produto se encaixa a essas necessidades.

Aos poucos podemos perceber uma cadeia de enunciados, pois se temos como reflexo e refração da ideologia da padronização os enunciados publicitários, também nesse livro percebemos um enunciado que trata a língua em todo esse contexto, e mais especificamente a coesão.

Ou seja, como já visto, o enunciado de Camargo insere a língua nesse contexto de padronização, construindo uma forma de escrever, criando um enunciado que seja adequado ao maior número possível de enunciações. É quando o conceito de coesão é ressignificado e utilizado para “adequar” uma redação ao contexto dos vestibulares - que estão carregados pela discurso da padronização.

Exemplo disso percebemos na crônica retratada na Foto 6, em que o autor do texto utiliza as palavras “começando” e “terminando” para fazer a ligação entre partes do texto. Sobre isso, Thaís Nicoleti nos aponta para um conceito que chama de “palavra de aviso”:

Chama-se palavra de aviso o termo que avisa o leitor que o texto está começando ou terminando. Normalmente, usada pelo redator principiante, revela certa dificuldade de estabelecer relações pertinentes entre as partes do texto. (CAMARGO, 2010, p. 143)

Já que as expressões “começando” e “terminando” são muito gerais, não demonstram que o autor tenha grande domínio da língua, o que pode levar à noção de que essas palavras não pareçam adequadas ao contexto de uma redação. Porém, é possível perceber que o autor consegue ligar as partes dos textos que quer

perfeitamente, já que as palavras “começando” e “terminando” têm uma semântica bem relacionada.

Ou seja, aquilo que foi apresentado com um problema de coesão, na verdade, parece um problema de adequação. Pois as partes do texto parecem perfeitamente conectadas, com conectores pouco adequados para uma redação pré-vestibular.

4.4.2.3 O discurso pedagógico e a conjunção coordenativa

Além da padronização da língua, o discurso pedagógico ressignificou alguns conceitos da linguística em nome do que chamaremos normatização. Ou seja, em um contexto em que a escola necessita quantificar a qualidade de seus alunos, é necessário que se criem métodos de julgamento.

O conceito de coesão foi ressignificado para que servisse à necessidade de normatização presente no discurso pedagógico. No livro em questão podemos perceber isso nos seguintes momentos:

Sobre a crônica da Foto 7, a autora também faz uma crítica voltada à coesão textual, alegando que as partes do texto têm um mesmo tema, mas carecem de ligação; buscando a resolução desses problemas, a autora nos remete aos conceitos de coordenação e subordinação. Sobre coordenação, muito se fala acerca das conjunções coordenativas, apresentando ainda, uma tabela que aponta as relações semânticas a que serve cada uma. Sobre a subordinação, há uma lista dos tipos de orações subordinadas. A diferença entre ambas é que a primeira tem a relação semântica mais forte, enquanto a segunda tem mais forte a relação sintática.

Foto 7: Crônica 2

O dever é de todos

Um dos temas mais abordados pela mídia é a violência. Não que se trate de um fato "inusitado" em nossa sociedade, mas talvez por estar ameaçando não só as classes baixa e média, como a alta.	"ultimamente" "problema novo" "agora também ameaça a classe média e alta"
No Brasil a concentração de renda é uma das mais altas do mundo, cuja distância entre o rico e o pobre torna-se cada vez maior. Verifica-se que 1% da população detém mais de 50% das riquezas do país. Considera-se que não há apenas uma violência, mas múltiplas violências que devem ser analisadas e contextualizadas, para não se afirmar de forma simplista que a pobreza gera a violência.	Pôr vírgula Uso indevido do pronome relativo Suprimir (redundância) Indicar a fonte dos dados estatísticos "Não se pode esquecer, todavia, que o problema se apresenta de múltiplas formas,..." "de acordo com a situação em que ocorrem"
Embora o problema só poderá ser resolvido quando medidas sociais forem tomadas, principalmente para acabar com o alto índice de concentração de renda e com o tráfico de drogas.	"maneira" (evitar repetição) "é só a pobreza que" "O problema, entretanto,..." "de cunho social"
Enquanto isso não acontece, as iniciativas praticadas pelas organizações não governamentais (ONG) e por movimentos sociais são bem vindas. Como as que tentam prevenir a violência na sociedade, com projetos que disseminam cultura entre os jovens, por meio da música ou dos esportes. Considerando que o mais importante é conscientizar as pessoas da importância de se discutir política, já que é esta que define as medidas que são tomadas no país.	"reduzir" "debelar" Pôr hífen "É o caso daquelas" "criando" Suprimir a vírgula "É urgente que as pessoas se conscientizem" Suprimir o "se"
Devemos lembrar também que a universidade como propulsora da ciência deve interagir com a sociedade em que está inserida, contribuindo com a pesquisa e extensão voltadas para a comunidade.	"esse o caminho por meio do qual se definem as medidas a serem" Pôr vírgulas "para o desenvolvimento da" Suprimir "voltada"

Fonte: CAMARGO, 2010, p. 54

O mesmo ocorre na crônica que temos na Foto 8:

O terceiro parágrafo estabelece com o anterior uma relação de oposição, mas faltou um conectivo que a explicitasse. Seria interessante empregar uma conjunção adversativa [...]. (CAMARGO, 2010, p.91)

Foto 8: Crônica 3

Tragédia prevista

Dizer que a tragédia ocorrida no Centro de Lançamento de Alcântara, onde uma explosão cuja causa ainda é desconhecida ceifou a vida de duas dezenas de pessoas, era prevista, constitui certo hiperbolismo, mas analisando o modo como o projeto era conduzido, fica claro que a desorganização e o descaso das autoridades são os artífices do desastre.

Pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico são essências para o desenvolvimento de uma nação. Os benefícios que o programa espacial brasileiro traria com o lançamento de um satélite nacional são imensuráveis. Estima-se que somente as informações meteorológicas trariam lucros na ordem de R\$ 2 bilhões à agricultura, e vários outros setores seriam beneficiados, como a localização de jazidas de diamantes e metais preciosos, comunicações, estudos da geografia brasileira e, sobretudo, a independência de satélites americanos e franceses.

A importância do projeto não tem encontrado abrigo na agenda do governo, nem sequer as verbas destinadas e aprovadas haviam sido liberadas. É certo que o país tem carências gigantescas em setores vitais para a sociedade, mas um projeto de tal envergadura deve ser prioridade nacional, tanto pela importância estratégica como pela segurança dos envolvidos. Projetos dessa natureza são caríssimos e não podem ser submetidos a cortes orçamentários.

Os depoimentos dos técnicos envolvidos no programa espacial, atestam que muitas vezes, trabalharam com materiais inadequados devido aos poucos recursos existentes. Sem dúvida é lamentável o fato das autoridades despertarem de sua imobilidade somente quando tragédias como essa ocupam as capas dos jornais.

- Suprimir a vírgula
- Palavra inadequada
- "previsível pode constituir um exagero, mas, analisando"
- "foram"
- "essenciais"
- "crescimento"/"progresso"
- (evitar a repetição de palavras)
- "já trouxessem"
- "da"
- Faltou arrolar os setores propriamente ditos
- Sugestão: "agricultura. Além disso, é incontestável o ganho a ser auferido pelo país em vários setores, como o de comunicações e o de extração de minérios. Isso sem contar as vantagens que adviriam da independência em relação aos satélites americanos e franceses."
- "[...] , entretanto, infelizmente"
- "[...] . Nem"
- "destinadas a ele e já aprovadas"
- Suprimir a vírgula
- Suprimir a vírgula
- Pôr vírgula
- Sugestão: "Depoimentos de técnicos que participaram do programa espacial revelaram que, muitas vezes, era preciso trabalhar com materiais inadequados, tamanha era a carência de recursos."
- Pôr vírgula
- "o fato de as autoridades despertarem" ou "que as autoridades despertem"
- "a primeira página"

Fonte: CAMARGO, 2010, p. 90

Percebemos a relação feita entre coesão e o uso das conjunções prototípicas. Ou seja, não basta fazer a ligação entre os elementos, é necessário que isso seja feito de acordo com uma norma, de acordo com um padrão.

É o que se vê, por exemplo, na crônica da Foto 9, em que a autora aponta um problema de coesão do aluno no seguinte trecho:

É comum ouvir a afirmação de que o vestibular prejudica jovens de baixa renda. Mas é importante ressaltar a dificuldade de tais estudantes em ingressar em faculdades cujas vagas são mais disputadas, principalmente em federais, se deve às notas que estes tiram em tais provas- geralmente muito baixas. (CAMARGO, 2010, p.18)

Um dos apontamentos que a autora faz nesse trecho é sobre o uso da conjunção “mas” em um momento em que não há oposição de ideias. A proposta de correção de Thaís Nicoleti é a retirada dessa conjunção e a ligação das partes feita por justaposição; além disso, a frase que segue é reestruturada, visando à maior clareza na exposição das ideias. O mesmo é dito sobre o uso da expressão “com base nisso”, sem que haja uma relação de consequência.

Foto 9: Crônica 4

O que **precisa** ser mudado? — “deve”

É comum ouvir a afirmação de que o vestibular prejudica **jovens** de baixa renda. Mas é importante ressaltar que a dificuldade de tais estudantes em ingressar em **faculdades** cujas vagas são mais disputadas, principalmente em **federais**, se deve às notas que estes **tiram em tais** provas – geralmente muito baixas. — “os”

Com base nisso **fica** claro que o que exclui jovens de baixa renda é a falta de acesso a uma educação de **qualidade** e que **alunos de colégios públicos**, cujas notas são iguais **as** de alunos de colégios privados, **difficilmente adquiriram** os mesmos conhecimentos destes. — “instituições”
— “universidades estaduais e federais”
— Sugestão: “obtem nas”
— Pôr vírgula
— “qualidade. Alunos de escolas públicas”
— Suprimir a vírgula
— “as”
— Suprimir a vírgula
— “terão adquirido”

Portanto, se fosse utilizado um sistema de avaliação baseado no desempenho do aluno durante sua vida escolar, **seria necessário, também, um sistema** que avaliasse o desempenho das escolas, o que acarretaria novamente **na exclusão** de alunos de colégios públicos. — “[...] também seria necessário criar”

O vestibular, por outro lado, permite a esses jovens estudar para adquirir os conhecimentos que não obtiveram na escola, **dando uma oportunidade** deles **ingressarem** na faculdade. — “a”
— “[...] dando-lhes uma oportunidade de ingressar”
— “existe”

Se **tem** algo que **precisa ser mudado**, não é o método de avaliação, e, **sim**, a qualidade do **ensino em colégios públicos**. — “deve ser melhorado”
— Suprimir as vírgulas
— “ensino, sobretudo em escolas públicas”

Fonte: CAMARGO, 2010, p. 18

Percebemos a relação direta entre a coesão e as conjunções. Outro fator que se nota são as conjunções prototípicas utilizadas, necessariamente, em determinadas relações, sendo considerado erro o uso que fuja aos padrões, mesmo que o contexto permita o entendimento dessa relação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, os conceitos de coesão e coerência do discurso da Linguística Textual foram ressignificados por discursos midiáticos/pedagógicos. O foco deste trabalho foi analisar os enunciados sobre coesão e coerência nas diferentes enunciações em que foram produzidos nessas diferentes esferas.

Buscamos a enunciação em que foi produzido o discurso da Linguística Textual e também a enunciação em que foi produzido o discurso pedagógico; pudemos, assim, contextualizar esses enunciados, melhor compreendendo suas significações. Além disso, pudemos perceber os efeitos de novos valores nos conceitos de coesão e coerência, causando a ressignificação de que tratamos: de um caráter descritivo, os conceitos passam a assumir um caráter prescritivo, e o enfoque na avaliação e na normatização prevalece. Assim, coesão e coerência entram para as atividades didáticas como critérios para correção de textos. Em nossa análise, mostramos que, quando se fala de coesão, já não se pensa em uma tessitura competente do texto, senão no emprego das conjunções prototípicas.

Vale lembrar que no ENEM - um dos maiores símbolos de ingresso em universidades do país - cinco aspectos são cobrados na correção das redações, dentre eles, dois são coesão e coerências textuais.

O discurso pedagógico também se produz em meio a uma enunciação em que a ideologia do consumo é muito forte, porque toda produção tem que ser “vendável”, lucrativa. Portanto, se pensarmos um enunciado como algo a ser amplamente consumido, este deverá encaixar-se a várias novas enunciações (e suportes), a cada momento do consumo. É claro, portanto, que isso levará os conceitos de texto, coesão e coerência textuais a serem ressignificados, pois também a eles afeta a nova enunciação em que o discurso pedagógico se encaixa (livro direcionado ao público interessado na produção de texto, matéria em jornal direcionada ao público comum, material didático impresso etc).

A escola também é uma esfera em que a ideia do consumo dos bens e do apego ao lucro, ao sucesso individual e profissional parece prevalecer sobre outras. Dessa maneira, o discurso da necessidade de “melhorar a escrita para se atingir o sucesso” (em exames vestibulares, por exemplo) é incorporado pela autora do livro cujos enunciados analisamos.

O que se deve perceber é que a história é contínua e, com o passar do tempo, transformam-se as ideologias, transformam-se as necessidades, transformam-se os discursos; portanto, a adaptação dos enunciados a novas enunciações é necessária. Essas ressignificações atualizam os enunciados, adaptando-os às novas enunciações; o único cuidado a ser tomado, acreditamos, é pensar a ideologia que pode estar sendo veiculada a partir delas.

Assim, um enunciado sobre a “qualidade” do texto, sobre coesão e coerência, que parece inofensivo, é carregado de ideologias em conflito: os enunciados estão sempre em diálogo com outros, e, no caso de nossa pesquisa, em diálogo que recupera uma memória discursiva que vem do discurso da ciência e o ressignifica no discurso da padronização e normatização das redações. Dessa maneira, os enunciados são tomados como signos que são espaço de conflito ideológico. Evidentemente, nesse conflito, os valores de uma esfera podem predominar sobre outra – é o caso do valor do discurso que vem da esfera política e econômica, em que a escrita e outras práticas estão atreladas ao valor do sucesso profissional, ao valor do lucro pessoal, ao valor da padronização.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, B, MELO, R. de. **Enunciado/Enunciado concreto/Enunciação**. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- CAMARGO, Thais Nicoleti de. **Redação linha a linha**, 2.ed- São Paulo: Publifolha, 2010.
- FÁVERO, L. L. KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: uma introdução** - São Paulo: Cortez, 1983
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**, 20. ed.- São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **O texto e a construção dos sentidos/** Ingedore Koch-9.ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, Travaglia, L.C. **Texto e coerência**. 4.ed. – São Paulo: Cortez, 1995.
- MENDONÇA, M. C. **Coesão e coerência textuais escolarizadas: políticas de fechamento**. In: BARBOSA/FONTANA: Cadernos de Qualificações, 1.ED.- Campinas: IEL, 2005.